



## SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

## Por uma sociologia das criptomoedas: uma investigação sobre os sentidos do investimento entre jovens universitários

*Towards a sociology of cryptocurrencies: an inquiry into the meanings of investment among young university students*

*Por una sociología de las criptomonedas: una investigación sobre los significados de la inversión entre jóvenes universitarios*

**Davi Ribeiro de  
Camargo<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0009-5565-5614](https://orcid.org/0009-0009-5565-5614)  
[davicamargo11drc@usp.br](mailto:davicamargo11drc@usp.br)

**Caio Rodrigues Dall  
Cortivo<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0009-3489-8254](https://orcid.org/0009-0009-3489-8254)  
[caio.dallcortivo@usp.br](mailto:caio.dallcortivo@usp.br)

**Clarisse de Moura  
Ramos Rossi<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0003-4450-9175](https://orcid.org/0009-0003-4450-9175)  
[clarisse.rossi@usp.br](mailto:clarisse.rossi@usp.br)

**Diego Miguel Mendes  
Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0006-3250-6198](https://orcid.org/0009-0006-3250-6198)  
[diego.mendes@usp.br](mailto:diego.mendes@usp.br)

**Ellen Moraes Fernandes<sup>1</sup>**  
[orcid.org/0009-0009-2054-0833](https://orcid.org/0009-0009-2054-0833)  
[ellenmoraesfernandes@usp.br](mailto:ellenmoraesfernandes@usp.br)

**Recebido em:** 19 jan. 2025.  
**Aprovado em:** 19 mar. 2025.  
**Publicado em:** 18 jun. 2025.

**Julia Rampazzo Cavalcanti<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0007-3704-6191](https://orcid.org/0009-0007-3704-6191)  
[zzocavalcanti@usp.br](mailto:zzocavalcanti@usp.br)

**Isabela Maeda Otsuki<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0000-3986-3063](https://orcid.org/0009-0000-3986-3063)  
[isabela.otsuki@usp.br](mailto:isabela.otsuki@usp.br)

**Resumo:** A partir de um estudo empírico da relação de jovens universitários com o mercado de criptomoedas, este artigo busca contribuir para a investigação deste novo tema de pesquisa da Sociologia Econômica. Primeiramente, a literatura é analisada para caracterizar as criptomoedas em seus aspectos técnico-operacionais, históricos, econômicos e sociológicos. Depois, são apresentados os resultados da pesquisa empírica. Os dados quantitativos mostram a maior proporção de homens cisgênero, heterossexuais, de cursos da área das ciências exatas e com posicionamento político à direita entre os que já investiram em criptomoedas do que entre os que nunca o fizeram. Já os dados qualitativos permitiram a criação de três tipos ideais de investidores, caracterizados a partir dos sentidos atribuídos ao investimento e das relações de confiança estabelecidas: os cryptoevangelistas, os investidores tradicionais e os investidores de *hype*.

**Palavras-chave:** criptomoedas; Bitcoin; Sociologia Econômica; jovens; investimento.

**Abstract:** Based on an empirical study of the relationship between young university students and the cryptocurrency market, this article seeks to contribute to the inquiry of this new theme of research in *economic sociology*. Firstly, the literature is analyzed in order to characterize cryptocurrencies in their technical-operational, historical, economic and sociological aspects. Then, the results of the empirical research are presented. Quantitative data show a higher proportion of cisgender, heterosexual men, from courses related to exact sciences and with a right wing political position among those who have already invested in cryptocurrencies than among those who have never done so. The qualitative data allowed the creation of three ideal types of investors, based on the meanings attributed to the investment and the relationships of trust established: cryptoevangelists, traditional investors and hype investors.

**Keywords:** Cryptocurrencies; Bitcoin; Economic Sociology; Youth; Investment.

**Resumen:** A partir de un estudio empírico sobre la relación de jóvenes universitarios con el mercado de criptomonedas, este artículo busca contribuir a la investigación de este nuevo tema en la Sociología Económica. En primer lugar, se analiza la literatura para caracterizar las criptomonedas en sus aspectos téc-



nico-operativos, históricos, económicos y sociológicos. Luego, se presentan los resultados de la investigación empírica. Los datos cuantitativos muestran una mayor proporción de hombres cisgénero, heterosexuales, de carreras del área de ciencias exactas y con una orientación política de derecha entre quienes ya han invertido en criptomonedas en comparación con quienes nunca lo han hecho. Por otro lado, los datos cualitativos permitieron la creación de tres tipos ideales de inversores, caracterizados a partir de los significados atribuidos a la inversión y de las relaciones de confianza establecidas: los criptoevangelistas, los inversores tradicionales y los inversores de *hype*.

**Palabras clave:** criptomonedas; Bitcoin; Sociología Económica; jóvenes; inversión.

## 1 Introdução

O mercado de criptomoedas é relativamente recente. Seu marco inaugural foi a criação do *Bitcoin* no início de 2009, poucos dias após a publicação de *Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System*, um *white paper* escrito pela pessoa ou grupo por trás do pseudônimo Satoshi Nakamoto e que delineava os princípios básicos de funcionamento da criptomoeda. Nos anos que se seguiram, outras milhares de criptomoedas foram criadas. Em pouco tempo, essa modalidade de ativo financeiro se popularizou e se valorizou a ponto de, em novembro de 2021, a soma das criptomoedas atingir uma capitalização de mercado superior a 3 trilhões de dólares (Lau 2021).

Durante pouco mais de 15 anos de existência, o mercado de criptomoedas cresceu, se diversificou e adquiriu características próprias, distintas daquilo que podemos chamar de "mercado financeiro tradicional". Dentre o conjunto de investidores e mineradores de criptomoedas, predominantemente constituído por jovens<sup>2</sup>, há desde curiosos da tecnologia a ultraliberais que conferem sentido político a essas *commodities* digitais. O estudo do mercado de criptomoedas, ainda pouco explorado pela Sociologia Econômica, nos permite contemplar a evolução destes ativos e da comunidade ao redor deles, observar as relações que este fenômeno social estabelece com o mercado financeiro tradicional

e os sentidos conferidos ao investimento nestes novos ativos.

## 2 As criptomoedas e a Sociologia Econômica

### 2.1 O que são as criptomoedas?<sup>3</sup>

O *white paper* publicado por Satoshi Nakamoto (2008, 1, tradução nossa) concebe o Bitcoin, a primeira criptomoeda, como uma forma de dinheiro digital:

Uma versão puramente *peer-to-peer* de dinheiro eletrônico permitiria que os pagamentos fossem enviados diretamente de uma parte a outra sem passar por uma instituição financeira. As assinaturas digitais fornecem parte da solução, entretanto, os principais benefícios são perdidos se um terceiro de confiança ainda for necessário para evitar o gasto duplo. Nós propomos uma solução para o problema do gasto duplo utilizando uma rede *peer-to-peer*.

A inovação propiciada pelo Bitcoin e replicada por milhares de outras criptomoedas é o estabelecimento de uma moeda digital em uma rede descentralizada *peer-to-peer* (par a par), chamada de *blockchain* (Paraná 2020), que dispensa a existência de uma autoridade central dependente de confiança para manter o histórico das transações. No caso de moedas como Bitcoin, indivíduos usam computadores para validar as transações na *blockchain* por meio da solução de problemas matemáticos realizados com gasto de poder computacional, o chamado *proof of work* ("prova de trabalho"), e então são recompensados com novas moedas (essa atividade é chamada de "mineração").

Mas é possível, de fato, definir criptomoedas como dinheiro? A definição mais básica de dinheiro se dá a partir de três características que ele cumpre socialmente: ser unidade de conta, meio de troca e reserva de valor – e as criptomoedas não desempenham suficientemente bem nenhuma das três (Paraná 2020). Apesar de poder servir para certas "práticas monetárias" (Brunhoff

<sup>2</sup> Segundo pesquisa realizada a partir de dados do *Google Analytics* e citada por Edemilson Paraná (2020, 124): "a maioria [das pessoas que engajam em conteúdos referentes ao Bitcoin] se encontra nas faixas de 25 a 34 anos (47,7%) [...]".

<sup>3</sup> Dado o pioneirismo do Bitcoin, a exposição toma o modo de funcionamento do Bitcoin como modelo.

1978, 61 citado em Paraná 2020, 151)<sup>4</sup>, é improvável que o Bitcoin e criptomoedas similares se tornem dinheiro devido à instabilidade decorrente de suas estruturas deflacionárias<sup>5</sup> e à ausência de um poder capaz de realizar ações estabilizadoras. Na verdade, a definição mais adequada para as criptomoedas é a de *commodities* digitais (Rotta e Paraná 2022).

Compreende-se, assim, em linhas gerais, como funcionam as criptomoedas em seus mecanismos técnico-operacionais. Contudo, isto não é o suficiente para apreender o que elas são de fato. É necessário, ainda, entendê-las a partir de suas raízes históricas, revelando o contexto social, os grupos e as concepções que influenciaram seu surgimento e cujas determinações estão inscritas em suas arquiteturas.

A história das criptomoedas possui raízes em movimentos sociais que, com o advento da internet e a "colonização capitalista" (McChesney 2013, 97 citado em Paraná 2020, 75)<sup>6</sup> do espaço *on-line*, começam a advogar em favor da criptografia como instrumento de proteção da privacidade no espaço digital. Os *cypherpunks* são os mais famosos dentre eles (Paraná 2020): esse movimento, ao conceber o "Estado como uma máfia" (Assange *et al.* 2013, 104-5 citado em Paraná 2020, 79)<sup>7</sup> e defender o mercado como esfera de exercício da liberdade (Karlstrom 2014), convergiu para concepções ultraliberais de defesa da extinção do papel do Estado na economia e da expansão da liberdade de mercado ao extremo. Desta forma, "Os Cypherpunks, grupo mais diretamente responsável pela implementação do Bitcoin e que se encontrava entre os seus primeiros utilizadores, aderiram a uma forma estrita de libertarismo informado pela economia austriaca" (Hayes 2019, 5-6). As proposições econômicas

ultraliberais constituem um aspecto estrutural do Bitcoin e criptomoedas similares:

Assim, embora a ideologia por detrás do Bitcoin seja libertária, a teoria do dinheiro que a sustenta pode ser rastreada até Menger (1892)<sup>8</sup>. Uma imagem do dinheiro como uma coisa que deve ser mantida escassa – a fim de que seu valor possa ser protegido – une estes fenômenos. Se o dinheiro é um processo social, como Simmel sugere, parece que nada poderia estar mais longe dessa ideia do que Bitcoin (Dodd 2017, 8, tradução nossa).

Em razão disso, os ideais *cypherpunks* e ultraliberais possuem grande penetração dentre os investidores e mineradores de criptomoedas. Pesquisas de perfil em comunidades de usuários desses ativos digitais demonstram a forte influência de valores associados ao libertarianismo de direita, além de um perfil predominantemente jovem e masculino (Caliskan 2021; Lustig 2014 citado em Dodd 2017<sup>9</sup>; Paraná 2020). Entretanto, conforme alerta Dodd (2017, 6, tradução nossa):

Seria errado, contudo, homogeneizar o Bitcoin em termos políticos. Enquanto a análise de Golumbia sobre Bitcoin como uma manifestação de "extremismo de direita distribuído" retrata a política de alguns dos seus defensores, esta é uma visão desnecessariamente unilateral [...]. Bitcoin, por outras palavras, pode ser muitas coisas politicamente. Como Maurer *et al.* sugerem: "No mundo do Bitcoin existem goldbugs, hippies, anarquistas, cyberpunks, criptógrafos, especialistas em sistemas de pagamento, ativistas monetários, comerciantes de mercadorias, e curiosos" (2013: 2)<sup>10</sup>.

Assim, percebe-se que, apesar de historicamente associadas ao ultraliberalismo e o movimento *cypherpunk*, as criptomoedas não se limitaram aos sentidos e usos originalmente estabelecidos, ainda que estes continuem presentes e relevantes, como veremos adiante na parte empírica. A partir do seu uso por diferentes

<sup>4</sup> Brunhoff, Suzanne. 1978. *A política monetária: Um Ensaio de Interpretação Marxista*. Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> O Bitcoin possui uma estrutura deflacionária à medida que foi pensado como um artigo escasso e, conseqüentemente, quando a procura por novas unidades é maior que sua oferta, há valorização da criptomoeda, que resulta na deflação dos preços dos bens e serviços nela cotados (Paraná 2020).

<sup>6</sup> McChesney, Robert W. 2013. *Digital Disconnect*. The New Press.

<sup>7</sup> Assange, Julian, Jacob Appelbaum, Andy Müller-Maguhn, and Jérémie Zimmermann. 2013. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Boitempo.

<sup>8</sup> Menger, Carl. 1892. "On the origin of money". *The Economic Journal* 2: 239-477.

<sup>9</sup> Lustig, Caitlin. 2014. "My research survey on bitcoin". *Bitcoin Forum*. <https://bitcointalk.org/index.php?topic=486149.msg5354626#msg5354626>.

<sup>10</sup> Maurer Bill, Taylor C. Nelms, e Lana Swartz. 2013. "'When perhaps the real problem is money itself!': The practical materiality of Bitcoin". *Social Semiotics* 23 (2): 261-77.

grupos, em diferentes contextos, estes ativos digitais adquiriram características socialmente distintas que só podem ser desvendadas quando submetidas à análise sociológica.

## 2.2 As contribuições da Sociologia Econômica para o estudo das criptomoedas

Desde suas origens clássicas, a Sociologia se afirma como campo do conhecimento que questiona o axioma amplamente enraizado na teoria econômica, segundo o qual os sujeitos são indivíduos atomizados que tomam decisões estritamente racionais para maximizar utilidades, isto é, a concepção do indivíduo como *homo economicus* (Reis 1989). Como afirmam Smelser e Swedberg (2005, 4, tradução nossa): "sociólogos tendem a abordar a racionalidade como um fenômeno a ser explicado, não assumido".

Neste sentido, a obra de Max Weber *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo* (2020) é o exemplo clássico de como a sociologia busca compreender as ações econômicas no contexto das relações sociais em que estão inseridas e que as torna possíveis. O sociólogo alemão enfatiza a importância de compreender o sentido socialmente atribuído às ações econômicas, o que na obra citada se manifesta na exposição dos fundamentos protestantes, principalmente de matriz calvinista, da ação racional econômica na aurora do capitalismo.

Desta forma, percebe-se que compreender o sentido sociológico das ações tomadas no âmbito da economia é fundamental para entender aspectos dessas atividades que escapam às ciências econômicas. Tendo isto em vista, a Sociologia Econômica surge como a área especializada para a realização desta tarefa.

O conceito de *embeddedness* ("imersão") de Mark Granovetter é uma das principais contribuições da Sociologia Econômica capaz de nos auxiliar na compreensão sociológica das criptomoedas. Segundo Granovetter (2007, 2), os comportamentos e as instituições "são tão compelidos pelas contínuas relações sociais que interpretá-los como sendo elementos indepen-

des representa um grave mal-entendido". O autor compreende que as ações econômicas estão imersas (*embedded*) em relações sociais e redes de relações que as moldam, conferem-lhes sentido e, ademais, originam a confiança que as torna possíveis. A partir do conceito de "imersão", é possível problematizar a afirmação de que as criptomoedas dispensam a necessidade de confiança, bem como investigar em que reside a confiança necessária às transações envolvendo estas *commodities* digitais e quais as relações sociais que as originam.

As criptomoedas, apesar de comumente caracterizadas como independentes de pessoas e sustentadas por infraestruturas puramente técnicas, dependem de infraestruturas sociotécnicas ou sociodigitais que misturam elementos humanos e não humanos (Caliskan 2020; Corradi 2018; Dodd 2017; Dupont 2019; Hayes 2019; Karlstrom 2014; Paraná 2020). Nessas infraestruturas, elas estão materialmente imersas em arranjos de relações entre os agentes que se conectam por meio de seus computadores, uma vez que as transações dependem da confiança nos protocolos, na equipe de programação e na segurança dos códigos que as tornam possíveis (Karlstrom 2014). Para além da confiança depositada na tecnologia (e, implicitamente, nas pessoas e nos valores por trás dela), a confiança surge também na relação com a comunidade que utiliza a criptomoeda, como bem exemplifica *Master Den*, membro da comunidade por trás da criação da *Electra01*: "Eu percebi que aspectos técnicos eram secundários em *criptos*. O que vem primeiro é a comunidade" (Caliskan 2021, 172, tradução nossa). A força e o comprometimento de uma comunidade em torno de uma criptomoeda determinam alguns de seus aspectos fundamentais como preço, volatilidade e, conseqüentemente, seus possíveis usos. Tal fator levou Nigel Dodd (2017, 12, tradução nossa) a afirmar:

Como uma forma de dinheiro, Bitcoin tem sido sustentado por características sociológicas – e.g. estrutura, liderança, hierarquia, amizade e comunidade – muito mais do que as tem evitado. Isto não é algo ruim, e certamente não é nenhuma surpresa para qualquer sociólogo ou antropólogo do dinheiro. Meu ponto é sim-

plesmente que a realidade do Bitcoin – sua realidade social – está em desacordo com a teoria por trás dele.

Para além das formas de imersão e confiança, o sentido atribuído às ações econômicas é um tema fundamental estudado pela sociologia econômica. Neste tópico, a contribuição de Vivian Zelizer com o conceito de *special monies* (“dinheiros especiais”) é de grande relevância. Zelizer (1989) elaborou tal conceito para tratar da forma como os sujeitos atribuem significados qualitativamente distintos ao dinheiro, informados pelas relações sociais em que estão inseridos. Em suma, “nós designamos diferentes significados e usos separados a tipos particulares de dinheiros” (Zelizer 1989, 343, tradução nossa). Assim, fatores culturais e sociais moldam:

(a) os usos do dinheiro, destinando, por exemplo, certos dinheiros para usos especificados; (b) os usuários do dinheiro, designando pessoas diferentes para lidar com dinheiros especificados; (c) o sistema de *alocação* de cada dinheiro particular; (d) o controle de diferentes dinheiros; (e) as fontes do dinheiro, conectando fontes diferentes a usos diferentes (Zelizer 1989, 351, tradução nossa).

Ainda que as criptomoedas não possam ser consideradas como dinheiro, o conceito de *special monies* pode ser mobilizado para pensar os sentidos do dinheiro investido nesses ativos. Vimos anteriormente, por exemplo, que, em razão da influência *cypherpunk* e do libertarianismo de direita na criação das criptomoedas, o sentido inicialmente conferido às criptomoedas foi predominantemente político de cunho ultraliberal e antiestado (Karlstrom 2014). Entretanto, com o passar do tempo, as criptomoedas tornaram-se conhecidas em outros meios e, imersas em outros tipos de relações sociais, adquiriram novos sentidos: destaca-se atualmente o sentido especulativo das criptomoedas, possibilitado por sua volatilidade e alimentado pelo crescimento dos

mercados de troca (*exchange markets*).

### 2.3 A dialética das criptomoedas

Ao analisarmos até aqui as criptomoedas em seus aspectos técnicos, econômicos, históricos e sociológicos, mencionamos uma série de contradições entre a forma como as criptomoedas foram idealizadas e a sua existência efetiva: a ideia de criptomoeda como uma solução puramente tecnológica *versus* a existência em uma infraestrutura sociotécnica; o projeto de uma moeda apolítica *versus* a influência de valores políticos; a *blockchain* como tecnologia independente de confiança *versus* a “imersão material” (*material embeddedness*) das criptomoedas; a estrutura deflacionária como fator de estabilidade *versus* volatilidade. O desenvolvimento destas contradições resulta, ao longo do tempo, em novas contradições.

Em teoria, a *blockchain* das criptomoedas é um espaço horizontal e sem hierarquias. Entretanto, em 2018, apenas três *pools*<sup>11</sup> já concentravam mais de 50% da mineração do Bitcoin (Corradi 2018). Há também uma alta concentração econômica: “mais de 13% do total de Bitcoins já minerados (mais de 15% do valor total em dólares) são de propriedade dos 100 usuários mais ricos, e 95,6% dos Bitcoins são detidos por apenas 2,94% dos ‘endereços’” (Paraná 2020, 131-2).

Além desses aspectos, o surgimento dos mercados de troca também subverteu alguns dos princípios originalmente idealizados para as criptomoedas. O primeiro deles foi a desintermediação:

*Blockchains* não criam desintermediação nas relações econômicas, pois podem ou não precisar de instituições intermediárias convencionais, tais como Estados ou bancos; no entanto, criam novas intermediações (Zook & Blankenship, 2018<sup>12</sup>). As *blockchains* não desintermediam, mas reintermediam. Isto é verdade mesmo para a *blockchain* Bitcoin, que é apresentada como a força máxima da desintermediação (Tapscott & Tapscott, 2016<sup>13</sup>). Em

<sup>11</sup> *Pool* aqui se refere a um coletivo de mineradores de criptomoedas que unificam seu poder computacional para realizar a mineração de forma mais eficiente.

<sup>12</sup> Zook, Matthew, e Joe Blankenship. 2018. “New spaces of disruption? The failures of Bitcoin and the rhetorical power of algorithmic governance”. *Geoforum* 96: 248–55.

<sup>13</sup> Tapscott, Don, e Alex Tapscott. 2016. *Blockchain revolution: How the technology behind Bitcoin is changing money, business, and the world*. Penguin.

2018, 87,2% de todas as transações de Bitcoin estiveram presentes em dezenas de milhares de mercados de moedas criptográficas (Caliskan 2020, 14, tradução nossa).

A realização das trocas mediadas por instituições financeiras leva ao

[...] quase completo desaparecimento do anonimato, já que uma grande maioria das trocas exige que os seus clientes se registem com identificação formal e cartões de crédito, introduzindo, assim, a propriedade da criptomoeda na visibilidade dos sistemas e redes contabilísticas convencionais que os bancos e os Estados utilizam (Caliskan, 2020, 14, tradução nossa).

Outra consequência é a mudança do sentido socialmente atribuído às criptomoedas, cada vez mais tratadas como ativos especulativos (Corradi 2018). Essa alteração de sentido torna o mercado de criptomoedas atrativo para participação dos agentes do mercado financeiro tradicional<sup>14</sup>, de forma que o que surge como uma alternativa ao mercado financeiro é assimilado por ele.

Por fim, tais mudanças fazem com que emergam novas relações de confiança no investimento em criptomoedas. Como veremos mais adiante, nas seções empíricas do artigo, para realizar o investimento, os investidores estabelecem relações de confiança com corretoras de criptomoedas, instituições do mercado financeiro tradicional e até *influencers*.

Podemos afirmar, portanto, que tanto em seus aspectos econômicos quanto em seus aspectos sociológicos há contradições entre o que as criptomoedas pretendem ser e o que são de fato, isto é, o sentido atribuído a elas em sua gênese se descompassa da sua forma de existência efetiva, seja por sua estrutura econômica, seja pela imersão em relações sociais que provocam o surgimento de novos sentidos. Estas contradições (Fig. 1) estão imbricadas umas nas outras à medida que contradições estruturais engendram processos que geram novas contradições, em um movimento que denominamos de "dialética das criptomoedas".

Contradições entre a idealização e a realidade das criptomoedas		
Tipo de contradição	Idealização	Realidade
Genético-estrutural	Infraestrutura técnica	Infraestrutura sociotécnica
	Apoliticismo	Características políticas
	Independente de confiança	Dependente de confiança
	Estrutura deflacionária favorece a estabilidade	Estrutura deflacionária favorece a volatilidade
Processual	Desmediação	Reintermediação
	Anonimato	Identificação
	Dinheiro	Ativo especulativo
	Alternativa ao mercado financeiro tradicional	Assimilação pelo mercado financeiro tradicional
	Horizontalidade	Hierarquia
	Descentralização	Centralização

Fig. 1 – Contradições entre a idealização e a realidade das criptomoedas, 2025. Quadro de autoria própria.

<sup>14</sup> Os ETFs (*exchange trading funds*), fundos de investimento em criptomoedas negociados na bolsa de valores, são um exemplo da aproximação do mercado financeiro em relação às criptomoedas.

### 3 Da teoria à empiria: investigando os sentidos do investimento em criptomoedas entre jovens universitários

A partir do que foi até aqui descrito, torna-se evidente que o surgimento do mercado de criptomoedas abre uma série de possibilidades de investigação na Sociologia Econômica. Este artigo tem por objetivo apresentar uma pesquisa empírica que busca contribuir para o campo de estudos sociológicos sobre criptomoedas.

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2022 na Universidade de São Paulo (USP) e teve como objetivo investigar o perfil dos jovens universitários que investem em criptomoedas e os sentidos atribuídos por eles ao investimento.

#### 3.1 Procedimentos de pesquisa

A fim de coletar dados empíricos quantitativos para investigar o perfil dos investidores, realizamos um *survey* para uma amostra não proporcional de conveniência de alunos do *campus* São Paulo da USP, entre 10 de outubro e 26 de novembro de 2022. Foram obtidas 320 respostas, advindas de estudantes de todos os institutos<sup>15</sup> do *campus* com cursos de graduação e de todos os níveis (da graduação ao pós-doutorado): 68 respondentes já haviam investido em criptomoedas em algum momento da vida.

Os dados quantitativos foram tratados no *RS-tudio*, em que realizamos testes de hipótese do tipo qui-quadrado, com confiança de 95%, a fim de verificar a relevância estatística das diferenças existentes entre os estudantes que já investiram em criptomoedas e os que nunca investiram para as variáveis investigadas. O mesmo processo foi feito para verificar a relevância estatística das diferenças entre os que ainda investem em criptomoedas e aqueles que pararam de investir.

Para obter dados qualitativos de maior profundidade a respeito do investimento em criptomoedas e, assim, compreender os sentidos atribuídos

à atividade econômica pelos agentes, decidimos realizar entrevistas semiestruturadas com estudantes que já investiram nestas *commodities* digitais. Inicialmente, pretendíamos selecionar os entrevistados de maneira que seu conjunto refletisse a diversidade dos respondentes do questionário em relação às variáveis investigadas (gênero, cor, posicionamento político etc.). Todavia, conforme percebemos que poucas das pessoas contactadas se dispunham a participar da entrevista, optamos por convidar para entrevista todos aqueles que, no questionário, indicavam que aceitavam ser contactados para a segunda fase da investigação. Desta forma, realizamos 14 entrevistas com estudantes de 9 institutos diferentes entre 18 de outubro e 25 de novembro de 2022.

A análise dos dados qualitativos obtidos foi feita com a construção de tipos ideais (Weber 2000) de investidores a partir da identificação de características da atividade de investimento dos entrevistados que nos permitiam distinguir os investidores a partir da rede de relações em que sua ação econômica estava imersa e do sentido atribuído a esta ação. Tal operação foi realizada mediante a articulação dos dados qualitativos com o referencial teórico da Sociologia Econômica, em especial os conceitos de *embeddedness* de Mark Granovetter (2007) e *special monies* de Vivian Zelizer (1989), tal como ficará evidente adiante.

<sup>15</sup> Quando utilizamos a palavra "instituto", estamos nos referindo genericamente às subunidades do *campus* São Paulo da USP, designadas pelos nomes "Escola" (exemplo: Escola Politécnica), "Faculdade" (exemplo: Faculdade de Economia e Administração) e "Instituto" (Exemplo: Instituto de Química). Nenhum aluno de pós-graduação de qualquer uma das subunidades designadas pelo nome de "Museu" respondeu ao questionário nem foi entrevistado.

#### 4 Perfil e motivações dos jovens universitários no mercado de criptomoedas

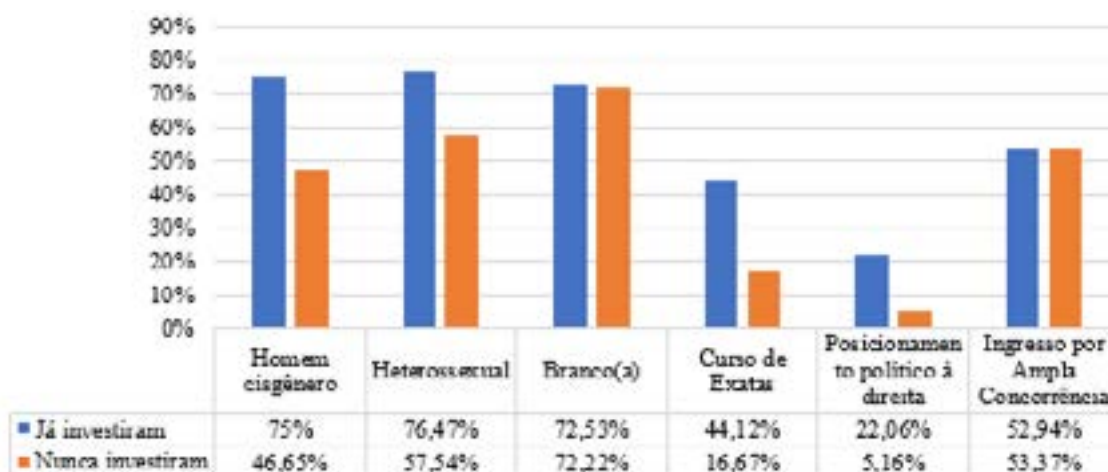


Fig. 2 – Proporção das variáveis relativas ao perfil dos estudantes que já investiram em criptomoedas e dos estudantes que nunca investiram em criptomoedas, 2022. Gráfico de autoria própria.

Ao compararmos os estudantes que já investiram em criptomoedas com aqueles que nunca o fizeram (Fig. 2), constatamos no primeiro grupo uma maior proporção de: 1) homens cisgêneros; 2) heterossexuais; 3) da área de exatas<sup>16</sup>; 4) com posicionamento político dentro do espectro da direita (centro-direita, direita e extrema direita). Com isso, confirmam-se resultados já obtidos em outras pesquisas de perfil conduzidas em comunidades de usuários de criptomoedas, em especial a associação entre gênero masculino e posicionamento político de direita com o investimento em criptomoedas (Caliskan 2021; Lustig 2014 citado em Dodd 2017; Paraná 2020).

Surpreende o fato de não haver diferença estatisticamente significativa entre os que já investiram em relação aos que nunca investiram quanto à cor e forma de ingresso na universidade. Entretanto, ao mudar o recorte da comparação para estudantes que ainda investem em criptomoedas *versus* estudantes que pararam de investir, a situação muda. Dentre os estudantes da universidade que ainda investem, em comparação com os que pararam, é maior a proporção

de brancos (83,87% contra 64,86%) e ingressantes de ampla concorrência (64,52% contra 43,24%). Nota-se, portanto, a expressão das variáveis cor e forma de ingresso na universidade como elemento associado à permanência nas atividades de investimento.

Quanto ao objetivo dos estudantes ao investir em criptomoedas (Fig. 3), a maior parte afirma que investiu com o simples intuito de ganhar dinheiro. Destacam-se também aqueles que afirmam que o fizeram para aprender: sobre as próprias criptomoedas, sobre a *blockchain* ou sobre investimento em geral.

<sup>16</sup> Consideramos institutos de exatas: EP (Escola Politécnica), IQ (Instituto de Química), IME (Instituto de Matemática e Estatística), IF (Instituto de Física), IAG (Instituto de Astronomia e Geofísica) e IGC (Instituto de Geociências). Alunos da EACH (Escola de Artes, Ciências e Humanidades) de cursos de exatas foram incluídos à parte, dado que este instituto possui cursos de diversas áreas.

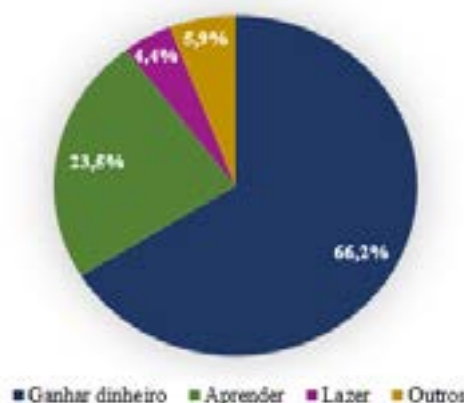


Fig. 3 – Objetivo do investimento segundo os estudantes, 2022. Gráfico de autoria própria.

Apesar da importância de saber as motivações do investimento, a pesquisa nos mostrou, contudo, que este não é o aspecto mais relevante para a compreensão sociológica do tema. O elemento que se revelou fundamental foi o sentido conferido pelos estudantes às criptomoedas conforme a rede de relações em que estão inseridos.

## 5 Os sentidos do investimento em criptomoedas entre jovens universitários

### 5.1 Os tipos ideais de investidores

Para construir tipos ideais (Weber 2000) de investidores, foram mobilizados principalmente dois conceitos da sociologia econômica: *embeddedness* ("imersão") e *special money* ("dinheiro especial"), já abordados anteriormente. O conceito de "imersão" de Granovetter (2007) nos permitiu compreender como se dá a confiança dos investidores nas criptomoedas e quais são as relações sociais que as possibilitam. Já o conceito de "dinheiros especiais", de Vivian Zelizer (1989), nos possibilitou compreender os sentidos atribuídos ao dinheiro investido em criptomoedas.

Concluimos que os investidores de criptomoedas podem ser classificados em três tipos ideais: criptoevangelistas; investidores tradicionais; investidores de *hype*.

#### 5.1.1 Criptoevangelistas

Sugerimos o termo criptoevangelistas<sup>17</sup> em referência aos investidores cuja relação com as criptomoedas é atravessada por ideais ultraliberais e pela defesa desses ativos como ponto de partida para uma sociedade alternativa. Dada a afinidade entre o ultraliberalismo e as criptomoedas (Hayes 2019; Karlstrom 2014; Paraná 2020), este tipo de investidor é provavelmente o mais estudado pelas pesquisas do campo. Quanto ao modo de relacionamento destes com as criptomoedas, Ricardo<sup>18</sup> afirma:

[...] eu não lido muito como investimento, porque assim, pra você lidar com investimento, se você pensar de uma maneira lógica, de alocação de portfólio, você tem que ter ali o retorno esperado daquele ativo e o risco associado a ele, aí você faz uma ponderação e de acordo com essa ponderação pessoal você determina se você vai investir nele ou não, etc. ou por quanto tempo você vai manter o investimento. Eu não acho que o Bitcoin seja isso. Eu acho que é uma maneira de você ter um plano B pra substituir uma moeda centralizada pelo Estado,

<sup>17</sup> O termo é bastante utilizado para descrever os defensores das criptomoedas como alternativa social e econômica (Barria 2021). Caliskan (2020, 2) e Dodd (2017, 1) utilizam termos semelhantes: "evangélicos do Bitcoin" e "evangelistas do Bitcoin", respectivamente.

<sup>18</sup> Com o intuito de preservar o anonimato das entrevistas, o nome deste e dos demais entrevistados aqui citados é fictício.

você ter uma maneira de ter uma moeda des-centralizada, enfim, diminuindo o controle que o Estado tem sobre sua população.

Este modo de relação com o investimento em criptomoedas é forjado a partir de relações de confiança estabelecidas em comunidades ultraliberais ou “anarcocapitalistas” nas quais estes investidores estão imersos (Granovetter 2007). Para além de consumirem conteúdo sobre criptomoedas por meio de canais e influenciadores ultraliberais ou libertários de direita, os criptoevangelistas tendem a participar de comunidades interativas com este viés político em fóruns *on-line* e redes sociais. Ricardo conheceu as criptomoedas por meio de influenciadores: “Quando eu conheci o que era criptomoedas e etc. foi totalmente pelo *Youtube*. Eu já era do meio libertário né, então foi uma facilidade maior”. Já Pedro afirmou: “[...] nesse ano, como eu falei, eu vi um documentário que me convenceu a participar desse mundo [...]. Eu assino uma plataforma [...], é a *BP Select*, que é uma plataforma mais de direita, aí eles têm uma plataforma de filmes...”<sup>19</sup>. Além disso, dada a paixão política que os motiva, os criptoevangelistas possuem bastante conhecimento sobre as criptomoedas, conhecem o funcionamento da *blockchain* e confiam nessa tecnologia.

Estes investidores atribuem ao dinheiro investido o sentido especial (Zelizer 1989) de contribuir para uma causa, bem como escapar do poder do Estado e combatê-lo. Sobre o porquê de investir, outro entrevistado, Jeferson, diz: “para me proteger do governo e investir numa causa que acredito”. Ricardo, quando perguntado se tinha um objeto de consumo em mente quando começou a investir, respondeu: “Derrubar o Estado: esse era o meu objeto de consumo. Não era um objeto físico, era uma coisa ideológica mesmo. Continua sendo”.

### 5.1.2 Investidores tradicionais

Os investidores tradicionais foram assim de-

signados pela semelhança entre o sentido que estes conferem às criptomoedas e o sentido comumente atribuído aos ativos do chamado “mercado financeiro tradicional”. Este tipo de investidor aplica apenas uma pequena parcela de seu portfólio de investimentos nesses ativos e não se afasta conforme as oscilações cotidianas de preço, pois deposita expectativas de valorização de longo prazo. Ao contrário dos criptoevangelistas, os investidores tradicionais enxergam as criptomoedas puramente como uma modalidade de investimento, como fica claro na fala de Roberto: “eu nunca utilizei pra nada assim, pior que eu não conheço nem as funcionalidades possíveis, é puramente investimento”.

As relações de confiança (Granovetter 2007) que estes investidores estabelecem se dão a partir de instituições financeiras tradicionais. Jessica, por exemplo, só confiou no investimento em criptomoedas a partir do momento em que surgiram fundos negociados na bolsa de valores: “Eu acho que eu comecei a investir assim que o ETF surgiu”. Já Roberto afirma que, para montar uma carteira de investimento, “tinha seguido uma recomendação do *Reset*, da *Empiricus*”<sup>20</sup>. Aparece aqui também um elemento contrário ao tipo ideal dos criptoevangelistas: a legislação estatal como um elemento que confere segurança ao investidor. Para Bruno, o mercado “tem a regulação pra proteger os investidores”.

Os investidores tradicionais consomem conteúdo *on-line* sobre o tema em canais e perfis voltados para investimento e participam de comunidades nas quais criptomoedas são vistas como mais uma opção de investimento, vide a fala de Bruno: “[nas comunidades que participava] se discutem outras coisas além de cripto, como investimentos tradicionais”. Assim, percebe-se que sua atividade de investimento está imersa (Granovetter 2007) em redes de relações que convergem intensamente com as redes do mercado financeiro tradicional.

Anteriormente mencionamos como, segundo Zelizer (1989), decidir as fontes e os destinos

<sup>19</sup> *BP select* é a plataforma de *streaming* da produtora de vídeos de direita “Brasil Paralelo”.

<sup>20</sup> *Empiricus* é uma empresa brasileira voltada para recomendações de investimento.

do dinheiro investido é uma parte essencial na construção do sentido qualitativo a ele atribuído. Dentre os diferentes tipos de investidores aqui descritos, os investidores tradicionais são aqueles cujas fontes e destinos do dinheiro investido estão mais bem definidos: o dinheiro investido costuma vir do que sobra do salário (parte relevante dos estudantes entrevistados próximos a este tipo trabalhavam no mercado financeiro); e todo lucro advindo da valorização do ativo deve ser reinvestido. Conforme afirma Roberto, o objetivo é “puramente acúmulo de capital, construir um patrimônio pro futuro”.

### 5.1.3 Investidores de *hype*<sup>21</sup>

Há uma parcela dos investidores cuja relação com as criptomoedas é catalisada por um certo fascínio que decorre da repercussão do tema, retratado no uso da palavra *hype*. Este tipo de investidor possui uma relação mais indeterminada com as criptomoedas, caracterizada pelo baixo conhecimento do tema e por curiosidade. A resposta de Isabela à pergunta “em quais criptomoedas investiu?” ilustra bem o tipo de relação:

Eu lembro que eu comprei Bitcoin, a Ethereum (acho que é isso né?) e tinha acho que “pode-lok”, “pod” alguma coisa, e tinha uma outra moeda também, só que eu só lembro do desenho, eu não lembro do nome. Era tipo um unicórnio, era meio que um unicórnio, aí eu falei “Nossa, essa moeda vale 10 reais, mas curioso, né, ser um unicórnio?” aí eu falei “Foda-se”, tava subindo e comprei.

A decisão de investir, bem como a confiança nesta atividade (Granovetter 2007), provém da relação com os principais meios de repercussão das criptomoedas: as propagandas e as redes sociais, principalmente por meio da figura dos *influencers*. Isabela, por exemplo, descreve seu descobrimento das criptomoedas da seguinte maneira:

Então, eu conheci há cerca de um ano, um ano e pouco, foi porque apareceu muita coisa no

meu celular sobre isso, tipo ‘Criptomoedas! Criptomoedas! Compre! Compre!’ e aí eu fiquei curiosa e tal, apareceu uns vídeos no TikTok e eu ficava assim “O que que é isso?”. Aí um dia eu estava ‘de boa’ assim e resolvi pesquisar e tal, dei umas olhadas, pesquisei um pouco como conseguir investir nisso e aí eu fui...

Bianca responde à mesma questão de forma similar: “[Conheci] pela internet, ouvindo muito falar, principalmente vendo *streamers* [de jogos] falando muito disso, acabei descobrindo esse meio”. Quanto ao motivo do investimento, ela afirma: “Curiosidade. Olhei e falei ‘Ah, por que não?’”.

Um aspecto importante é que, para este tipo de investidor, confiar ou não na *blockchain* é irrelevante, visto que entre eles o conhecimento acerca da tecnologia é baixo. Por isso, eles necessitam estabelecer outras relações de confiança: Isabela afirma “eu confiei nos vídeos que eu vi e nas coisas que eu li, mas não sei se aquele conteúdo era verdadeiro”. Assim, o consumo de conteúdo *on-line* é fundamental para que estes investidores entrem em contato com o universo das criptomoedas e estabeleçam relações de confiança que, tal como mostra Granovetter (2007), são necessárias na ação econômica. Contudo, no médio prazo, os investidores de *hype* tendem a parar de consumir este tipo de conteúdo, dado que sua atividade de investimento está associada ao *hype* deste mercado e, portanto, é menos duradoura.

Quanto ao sentido qualitativo atribuído ao dinheiro (Zelizer 1989), percebemos que para este tipo de investidor o dinheiro investido o é em pequenas quantidades, opera como um meio de descobrimento de um novo universo e os seus potenciais lucros não têm objetivo bem definido. Elena, quando perguntada se tinha um objeto de consumo em mente para adquirir com o possível lucro do investimento, respondeu:

Não, esse dinheiro foi algo que eu falei “esses 100 reais, são 100 reais que eu aceitaria perder e nunca mais recuperar”, eu fui mais no espírito de arriscar mesmo, tipo, se desse totalmente errado tudo bem. Então eu não

<sup>21</sup> O termo *hype* provém da palavra *hyperbole* (hipérbole, tradução nossa), e é utilizado como gíria pelos jovens para adjetivar elementos de ampla repercussão. A ideia de utilizar esta palavra para caracterizar um tipo de investidor surgiu a partir de falas de Marcos, um dos entrevistados: para justificar sua fala de que “Cripto[moedas] tem um potencial infinito de *hype*”, ele disse que “sempre vão ter algumas histórias de pessoas que ficaram milionárias da noite pro dia em cripto [...], essas histórias existem e eu acho que, assim, é muito atrativa a ideia de você ficar rico muito rápido, sabe?”.

esperava realmente recuperar de volta [...]. Pra especificamente esse dinheiro eu não tinha um objetivo em mente, mas sim, eu tinha objetivos, tipo, eu queria muito fazer um intercâmbio na época, né? Ainda quero. Mas a questão é que pra esse dinheiro eu não criei a expectativa de recuperar, mas eu tinha esse objetivo na minha vida.

Por fim, um fator que chama a atenção é que os investidores de *hype* pouco participam de comunidades interativas e pouco compartilham com outros o fato de que investem em criptomoedas. Isso torna estes investidores "invisíveis", pelo menos para as pesquisas de perfil que tomam como referencial empírico fóruns, comunidades ou dados de consumo de conteúdo *on-line* sobre criptomoedas. Trata-se de um achado de pesquisa relevante à medida que indica uma insuficiência de grande parcela das pesquisas de perfil conduzidas até aqui sobre o tema.

## 6 Conclusão

A pesquisa empírica quantitativa confirmou os dados obtidos por outras pesquisas de identificação do perfil dos investidores de criptomoedas (Caliskan 2021; Lustig 2014 citado em Dodd 2017; Paraná 2020): confirmou-se que, dentre aqueles que já investiram em criptomoedas, em comparação com aqueles que nunca o fizeram, há uma maior proporção de homens cisgênero, heterossexuais, pessoas que se identificam politicamente de direita e estudantes da área de exatas. Já na parte qualitativa, conseguimos detectar e descrever três tipos ideais de investidores conforme a rede de relações em que a atividade de investimento estava imersa, que produzia diferentes relações de confiança (Granovetter 2007), e conforme o sentido, socialmente informado, atribuído ao dinheiro investido (Zelizer 1989).

Foi possível analisar também o aprofundamento das contradições entre a idealização das criptomoedas e a sua realidade social, descrita no movimento que denominamos de "dialética das

criptomoedas", conforme as práticas daqueles que já investiram: apesar de idealizadas como independentes de confiança, não só vimos que a confiança na tecnologia é necessária, em razão das criptomoedas estarem materialmente imersas em infraestruturas sociotécnicas (Karlstrom 2014), como percebemos também que a participação nesse mercado engendra uma série de novas relações de confiança (Granovetter 2007) que os investidores estabelecem com influenciadores digitais, corretoras de criptomoedas, instituições do mercado financeiro e até com o Estado. Para aqueles que conhecem e confiam na *blockchain*, as relações de confiança citadas se sobrepõem a esta última. Entretanto, para aqueles que não sabem como funciona a tecnologia, as relações de confiança identificadas substituem a confiança na *blockchain*, subvertendo completamente a ideia inicial das criptomoedas. Ademais, identificamos também aproximação e assimilação cada vez maior das criptomoedas pelo mercado financeiro<sup>22</sup>.

Por fim, a descoberta dos investidores de *hype* como "investidores invisíveis" revela um problema das pesquisas de perfil tomadas como referência. Uma vez que o investidor de *hype* tipicamente não participa de fóruns e comunidades e tende a parar de consumir conteúdo sobre criptomoedas com o tempo, quando pesquisas de perfil tomam como referencial empírico fóruns, comunidades ou dados de consumo de conteúdo *on-line* sobre criptomoedas, elas deixam de detectá-los. Isso resulta em diferenças importantes nos resultados<sup>23</sup>. Trata-se de um achado de pesquisa de grande relevância à medida que sugere que os resultados das pesquisas de perfil tomadas como referência não refletem de forma acurada o conjunto dos investidores de criptomoedas. Portanto, uma possível agenda de pesquisa na sociologia das criptomoedas que traria contribuições à área seria a análise quantitativa dos tipos

<sup>22</sup> Já investiram no mercado financeiro tradicional 86,76% dos que já investiram em criptomoedas, contra 49,60% entre os que nunca investiram em criptomoedas.

<sup>23</sup> Enquanto a porcentagem de homens cisgênero que investem, segundo nosso estudo na USP, é de 75%, nas pesquisas que utilizamos de referência a porcentagem ultrapassa 90%. É evidente que a amostra de nossa pesquisa, além de se referir a uma universidade, não é proporcional e, portanto, também não reflete precisamente o perfil daqueles que já investiram em criptomoedas. Entretanto, somada ao "descobrimto" desses "investidores invisíveis", ela indica o referido problema nas pesquisas de perfil citadas.

de investidores, feita a partir da operacionalização dos tipos ideais aqui elaborados.

## Referências bibliográficas

Barria, Cecília. 2021. "Bitcoin: quem são os 'criptoevangélicos' que querem destruir o dólar e mudar o sistema financeiro internacional". *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57500984>.

Caliskan, Koray. 2020. "Data money: The socio-technical infrastructure of cryptocurrency blockchains". *Economy and Society* 49 (4): 540-61. <https://doi.org/10.1080/03085147.2020.1774258>.

Caliskan, Koray. 2021. "Data money makers: An ethnographic analysis of a global cryptocurrency community". *The British Journal of Sociology* 73 (1): 168-87. <https://doi.org/10.1111/1468-4446.12916>.

Corradi, Fiammetta. 2018. "The Double Embeddedness of Bitcoin: Insights from Old and New Economic Sociology". *Internacional Journal of Social Science Studies* 6 (6). <https://doi.org/10.11114/ijsss.v6i6.3289>.

Dodd, Nigel. 2017. "The Social Life of Bitcoin". *Theory, Culture & Society* 35 (3): 35-56. <https://doi.org/10.1177%2F0263276417746464>.

Dupont, Quinn. 2019. *Cryptocurrencies and Blockchains*. Polity Press.

Granovetter, Mark. 2007. "A ação econômica e estrutura social: O problema da imersão". *RAE-Eletrônica* 6 (1). <https://doi.org/10.1590/S1676-56482007000100006>.

Hayes, Adam. 2019. "The Socio-Technological Lives of Bitcoin". *Theory, Culture & Society* 36 (4): 49-72. <https://doi.org/10.1177%2F0263276419826218>.

Karlstrom, Henrik. 2014. "Do libertarians dream of electric coins? The material embeddedness of Bitcoin". *Distinktion: Journal of Social Theory* 15 (1): 23-36. <https://doi.org/10.1080/1600910X.2013.870083>.

Lau, Yvonne. 2021. "Cryptocurrencies hit market cap of \$ 3 trillion for the first time as Bitcoin and Ether reach record highs". *Fortune*. <https://fortune.com/2021/11/09/cryptocurrency-market-cap-3-trillion-bitcoin-ether-shiba-inu/>.

Nakamoto, Satoshi. 2008. "Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System". *Bitcoin*. <https://bitcoin.org/bitcoin.pdf>.

Paraná, Edemilson. 2020. *Bitcoin: a Utopia Tecnocrática do Dinheiro Apolítico*. Autonomia Literária.

Reis, Elisa. 1989. "Reflexões sobre o homo sociologicus". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 4 (11).

Rotta, Tomás N., e Edemilson Paraná. 2022. "Bitcoin as a digital commodity". *New Political Economy* 27 (6): 1046-61. <https://doi.org/10.1080/13563467.2022.2054966>.

Smelser, Neil J., e Richard Swedberg. 2005. "Introducing Economic Sociology". In *The Handbook of Economic Sociology*, edited by Neil J. Smelser, Richard Swedberg. Princeton University Press.

Weber, Max. 2000. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Universidade de Brasília.

Weber, Max. 2020. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Edipro.

Zelizer, Viviana A. 1989. "The Social Meaning of Money: 'Special Monies'". *American Journal of Sociology* 95 (2): 342-77. <http://www.jstor.org/stable/2780903>.

---

## Davi Ribeiro de Camargo

Graduado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

---

## Caio Rodrigues Dall Cortivo

Graduado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

---

## Clarisse de Moura Ramos Rossi

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

---

## Diego Miguel Mendes Silva

Graduado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

---

## Ellen Moraes Fernandes

Mestranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo.

---

## Julia Rampazzo Cavalcanti

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

---

## Isabela Maeda Otsuki

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

---

## Endereço para correspondência:

**DAVI RIBEIRO DE CAMARGO**

[davicamargo11drc@usp.br](mailto:davicamargo11drc@usp.br)

**CAIO RODRIGUES DALL CORTIVO**

[caio.dallcortivo@usp.br](mailto:caio.dallcortivo@usp.br)

**CLARISSE DE MOURA RAMOS ROSSI**

[clarisse.rossi@usp.br](mailto:clarisse.rossi@usp.br)

**DIEGO MIGUEL MENDES SILVA**

[diego.mendes@usp.br](mailto:diego.mendes@usp.br)

**ELLEN MORAIS FERNANDES**

[ellenmoraismoraisfernandes@usp.br](mailto:ellenmoraismoraisfernandes@usp.br)

**JULIA RANPAZZO CAVALCANTI**

[zzocavalcanti@usp.br](mailto:zzocavalcanti@usp.br)

**ISABELA MAEDA OTSUKI**

[isabela.otsuki@usp.br](mailto:isabela.otsuki@usp.br)

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*